ELLERY LLOYD

A Influencer

Seguida por milhares.
Vigiada por alguém.

intrínseca

A Influencer

ELLERY LLOYD

A Influencer

Tradução de
Luciana Dias e Maria Carmelita Dias

intrínseca

Copyright © 2021 by Ellery Lloyd Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TÍTULO ORIGINAL
People Like Her

COPIDESQUE
Clara Alves

PREPARAÇÃO
Fábio Gabriel Martins

REVISÃO
Thaís Lima, Thayná Pessanha, Mariana Gonçalves e Thais Entriel

FOTO DE CAPA
Steven Errico | Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

DIAGRAMAÇÃO
DTPhoenix Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

LL778i Lloyd, Ellery
A influencer / Ellery Lloyd; tradução Luciana Dias, Maria Carmelita Dias. – [2. ed.]. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.
384 p.; 21 cm.

Tradução de: People like her
ISBN 978-65-5560-476-4

1. Ficção. inglesa. I. Dias, Luciana. II. Dias, Maria Carmelita. III. Título.

CDD: 823
22-76039 CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Zu

Prólogo

Acho que é possível que eu esteja morrendo.

Já faz um tempo, em todo caso, que sinto como se estivesse vendo o filme da minha vida se desenrolar diante dos meus olhos.

Minha lembrança mais antiga: é inverno, em algum momento do início da década de 1980. Estou usando luvas, um chapéu mal tricotado e um enorme casaco vermelho. Minha mãe está me empurrando pelo quintal atrás da casa em um trenó de plástico azul. Ela mantém um sorriso fixo. É como se eu estivesse completamente congelada. Consigo me lembrar de como minhas mãos estavam frias naquelas luvas, da maneira como eu sentia cada buraco e saliência do solo embaixo do trenó, do rangido da neve sob as botas dela.

Meu primeiro dia na escola. Estou balançando uma mochila de couro marrom com meu nome escrito em um cartão visível por detrás de um pequeno visor de plástico. *EMMELINE*. Uso uma meia azul-marinho três-quartos dobrada na altura do tornozelo; meu cabelo está preso em uma maria-chiquinha de comprimento ligeiramente irregular.

Polly e eu com doze anos de idade. Fui dormir na casa dela, estamos com pijamas xadrez e máscaras de argila no ros-

to, esperando que o milho estoure dentro do micro-ondas. Nós duas no corredor da casa dela, um pouco mais velhas, prontas para ir à festa de Halloween onde dei o meu primeiro beijo. Polly fantasiada de abóbora. Eu, de gata sexy. Nós duas novamente, em um dia de verão, sentadas de pernas cruzadas, de jeans e botas Dr. Martens em um gramado bem aparado. Em vestidos de alcinha com gargantilhas, prontas para o nosso baile de formatura do ensino médio. Lembrança após lembrança, uma após a outra, até que começo a me perguntar se existe um único momento significativo sequer da minha adolescência em que Polly não tenha um papel importante, com seu sorriso torto e sua postura esquisita.

É só quando esse pensamento me ocorre que percebo como isso é triste agora.

Meus vinte e poucos anos são um borrão. Trabalho. Festas. Bares. Piqueniques. Feriados. Sendo bem sincera, meus vinte e tantos e meus trinta e pouquinhos também têm contornos um pouco turvos.

Algumas coisas nunca vou esquecer.

Dan e eu em uma cabine de fotos, em nosso terceiro ou quarto encontro; meu braço ao redor dos ombros dele. Dan está muito bonito. Eu pareço completamente apaixonada. Nós dois estamos rindo feito bobos.

O dia do nosso casamento. A piscadela que dou para algum conhecido por trás da câmera na hora dos votos de matrimônio, a expressão solene no rosto de Dan ao colocar a aliança em meu dedo.

Nossa lua de mel, nós dois em êxtase e bronzeados, em um bar de uma praia em Bali ao entardecer.

Às vezes é difícil acreditar que algum dia fomos tão jovens, tão felizes, tão inocentes.

O momento em que Coco nasceu, furiosa e aos berros, esbranquiçada e melequenta de vérnix. Impregnado em minha memória para sempre, aquele primeiro vislumbre do seu rostinho enrugado. O momento em que a passaram para mim. O peso de nossos sentimentos.

Coco, coberta de confete de uma pinhata, rindo, na sua festa de quatro anos.

Meu filho, Bear, com quinze dias de vida, pequeno demais até para o minúsculo macacão que está vestindo, aninhado nos braços da irmã sorridente.

Só agora me toco de que não estou vendo lembranças verdadeiras, mas recordações de fotos. Dias inteiros reduzidos a uma única imagem estática. Relacionamentos inteiros. Eras inteiras.

E, ainda assim, eles continuam surgindo. Esses fragmentos. Esses instantâneos. Um após o outro após o outro. Rolando em velocidade cada vez mais acelerada dentro do meu cérebro.

Bear gritando em seu canguru.

Vidro partido no chão de nossa cozinha.

Minha filha em uma cama de hospital, encolhida em posição fetal.

A primeira página de um jornal.

Quero que isso pare agora. Algo está errado. Continuo tentando acordar, abrir os olhos, mas não consigo, minhas pálpebras estão pesadas demais.

Não é tanto a ideia de morrer que me incomoda, mas sim o pensamento de que talvez eu nunca mais veja essas pessoas de novo; todas as coisas que talvez eu nunca tenha a oportunidade de lhes dizer. Dan — eu te amo. Mamãe —

eu te perdoo. Polly — espero que você possa me perdoar. Bear... Coco...

Estou com um terrível pressentimento de que algo muito ruim está prestes a acontecer.

Estou com um terrível pressentimento de que é tudo minha culpa.

SEIS SEMANAS ANTES

Capítulo um

Emmy

Nunca planejei ser uma Instamãe. Por muito tempo, eu não tinha nem certeza se seria mãe. Mas, afinal, quem pode falar de verdade que as coisas aconteceram exatamente como tinha imaginado?

Atualmente, posso estar com os mamilos sempre vazando e ter fedelhos para todos os lados, ser uma limpadora profissional de bumbuns de dois pirralhos atrevidos, mas rebobine cinco anos atrás e acho que eu era o que se chamaria de uma fashionista. Ignore meu tremor nos olhos exaustos e imagine que esse coque típico de mãe, arrepiado e meio cor-de-rosa, seja um cabelo escovado e elegante. Substitua esse batom Ruby Woo aplicado de qualquer maneira por um contorno bem-feito, delineador líquido e brincos estilosos — o tipo que minha filha de três anos agora usaria para uma brincadeira improvisada. Depois combine isso tudo com um jeans *skinny* e uma blusa de seda da Equipment.

Como editora de moda, eu tinha o emprego com que sonhei desde que era uma adolescente dentuça, gorducha e com problemas capilares, e eu realmente, realmente, o adorava. Era tudo o que eu sempre quis fazer, como pode-

ria atestar minha melhor amiga Polly — a doce e generosa Polly; tenho sorte de ela ainda falar comigo depois das horas que passei forçando-a a brincar de fotógrafa nas minhas sessões de fotos de mentirinha, ou desfilando comigo nas passarelas do jardim usando os saltos altos da minha mãe, todas aquelas tardes criando nossas próprias revistas com cópias amareladas do *Daily Mail* e uma cola em bastão (eu sempre era a editora, claro).

Então como fui daquilo para isto? Houve momentos — ao limpar cocô de um recém-nascido ou preparar inúmeras panelas de gororoba em forma de purê — em que me fiz a mesma pergunta. Parece que tudo aconteceu em um instante. Em um minuto, eu estava usando Fendi, na primeira fila da Semana de Moda de Milão; no outro, eu estava com calças de moletom, tentando impedir uma criança pequena de reorganizar o corredor de cereais do mercado.

A mudança na carreira de especialista em moda para mãe nervosa foi apenas um feliz acidente. O mundo começou a perder o interesse em revistas brilhantes cheias de pessoas bonitas; então, graças a uma redução de orçamento e uma diminuição do número de leitores, justo quando eu estava trilhando o caminho do sucesso na carreira, puxaram o meu tapete — e, para completar, descobri que estava grávida.

Maldita internet, pensei. *Você me deve uma carreira nova — e precisa ser uma carreira na qual eu possa seguir com um bebê.*

E então comecei a blogar e a vlogar — eu me chamava de Semsalto, porque meus saltos agulha vinham acompanhados de pensamentos íntimos. E quer saber? Apesar de ter levado um tempo para encontrar o meu caminho, consegui

um nicho de verdade me conectando em tempo real com mulheres que se identificavam comigo.

Avance no tempo para aqueles poucos meses após dar à luz e para as 937 horas que passei com o traseiro afundado no sofá, minha querida Coco grudada nos meus seios cheios de leite e o iPhone, minha única conexão com o mundo exterior, na mão — a comunidade de mulheres que conheci na internet se tornou uma tábua de salvação. E embora blogar e vlogar tenham sido meus primeiros amores on-line, foi o Instagram que me impediu de deslizar demais para dentro do sufocamento pós-parto. Era como um toque de saudação reconfortante no braço toda vez em que eu logava e via um comentário de outra mãe passando pelas mesmas coisas que eu. Eu tinha encontrado minha turma.

Então, lentamente, os Louboutins foram saindo da minha vida e os pequenos seres humanos foram entrando. A Semsalto se transformou na Mama_semfiltro porque sou uma mãe disposta a abrir um sorriso e *abrir o jogo* em relação aos problemas e a tudo. E acredite, essa jornada ficou ainda mais maluca desde a chegada da minha segunda bolinha de arrotos, o Bear, cinco semanas atrás. Independentemente de o assunto ser criar um protetor de seios a partir de embalagens marotas de um McLanche Feliz ou esconder uma lata de gim perto do balanço, eu sempre vou dizer a verdade nua e crua — embora ela possa vir levemente salpicada de migalhas de Fandangos.

Os haters gostam de dizer que o Instagram mostra apenas uma vida perfeita, envernizada, filtrada e postada nesses quadradinhos — mas quem arruma tempo para toda essa baboseira quando se tem um pirralho coberto de ketchup a reboque? E quando as coisas ficam difíceis, tanto

on-line quanto off-line, quando existem conflitos, quando há comida voando, quando me sinto meio perdida, lembro que é pela minha família que estou fazendo tudo isso. E, de fato, pelas outras mães incríveis que me apoiam, não importa há quantos dias eu esteja usando o mesmo sutiã de amamentação.

Você é a razão pela qual eu comecei a #diascinzentos, uma campanha para compartilhar nossas histórias verdadeiras e organizar encontros presenciais para conversarmos sobre nossas batalhas nos momentos difíceis da maternidade. Sem mencionar que uma parte do lucro de toda a publicidade da #diascinzentos é destinada a incentivar o debate sobre a saúde mental materna.

Se eu tivesse que descrever o que faço agora, você me odiaria se eu dissesse "mãe multimídia"? Definitivamente é uma profissão que confunde a pobre Joyce, minha vizinha de porta. Ela entende o que o Papa_semfiltro faz — ele escreve romances. Mas eu? Influenciadora é uma palavra horrível, não é? Líder de torcida? Incentivadora? Sensibilizadora? Quem sabe? E, na verdade, quem se importa? Eu apenas sigo fazendo meu trabalho, compartilhando minha vida familiar sem filtros e torcendo para estar dando início a uma discussão mais autêntica sobre a maternidade.

Construí essa marca com base na honestidade e sempre vou falar a verdade como ela é.

Dan

Papo furado.

Papo furado papo furado papo furado papo furado papo furado.

Já ouvi essa mesma ladainha de Emmy tantas vezes que normalmente nem percebo mais que se trata de um emaranhado bizarro de invenções, omissões e produção de meias-verdades. Tal qual uma contínua mistura de coisas que poderiam ter acontecido (mas não aconteceram), com coisas que aconteceram (mas não como citadas) e eventos sobre os quais ela e eu nos lembramos de forma bem diferente (para dizer o mínimo). Por alguma razão, esta noite é diferente. Por alguma razão, esta noite, enquanto ela está falando, enquanto está contando sua história para os outros, uma história que também é, até certo ponto, a *nossa* história, eu me vejo tentando contabilizar quantas das coisas que Emmy está dizendo são exageradas ou distorcidas ou completamente desproporcionais.

Desisto depois de três minutos.

Eu provavelmente deveria elucidar uma coisa. Não estou chamando minha mulher de mentirosa.

Para o filósofo norte-americano Harry G. Frankfurt, existe uma diferença entre mentira e papo furado. As mentiras, alega ele, são inverdades deliberadamente criadas para enganar. O papo furado, por outro lado, é quando alguém não se importa se o que está falando é de fato verdade ou não. Exemplo: minha mulher nunca *criou* um protetor de seios com uma embalagem de McLanche Feliz. Eu duvido que algum dia ela tenha chegado perto de um McLanche Feliz. Nós não somos vizinhos de nenhuma Joyce. Emmy era, pelo que mostram as fotos na casa da mãe dela, uma adolescente magra e visivelmente bonita.

Talvez exista uma hora em todo casamento em que você começa a conferir a história um do outro em público.

Talvez eu só esteja com um humor esquisito hoje.

Certamente não dá para negar que minha mulher é boa no que faz. Incrível, na verdade. Mesmo depois de todas as vezes em que a vi se levantar e fazer e acontecer — em eventos como esse por todo o país, em auditórios, livrarias, cafés e espaços de coworking de Wakefield a Westfield —, mesmo que eu saiba o que sei sobre a relação entre a maioria das coisas que ela está falando e o que efetivamente algum dia aconteceu, não tem como negar sua habilidade de se conectar com essas pessoas. De provocar risadas de identificação. Quando ela chega na parte do gim na lata, uma mulher na fila de trás está *uivando*. Minha mulher, é muito fácil de se identificar com ela. As pessoas gostam dela. De pessoas como ela.

Sua agente ficará feliz em saber que ela conseguiu incluir a parte sobre a diascinzentos. Perdão. *Hashtag* diascinzentos. Reparei pelo menos três pessoas usando o suéter quando entramos mais cedo, o azul com #diascinzentos

e um com o logo da Mama_semfiltro nas costas e o slogan *Abra um Sorriso e Abra o Jogo* na frente. O logo da Mama_semfiltro, aliás, é um desenho de dois seios com a cabeça de um bebê entre eles. Particularmente, eu preferia o outro logo, com uma mamãe ursinho de pelúcia e seu filhote. Fui voto vencido. Essa é uma das razões pelas quais eu sempre resisti às sugestões de Emmy de que eu deveria usar uma dessas coisas quando vou junto nos eventos, e por que o meu sempre acaba sendo acidentalmente esquecido em casa — em outra sacola, por exemplo, ou na secadora, ou na escada onde o coloquei para definitivamente não o esquecer dessa vez. Você precisa estabelecer um limite em algum momento. Algum fã, algum seguidor, inevitavelmente pediria uma foto de nós dois e a postaria imediatamente no seu feed do Instagram, e eu não tenho nenhum interesse em deixar registrada para sempre na internet uma foto minha com um suéter com estampa de seios.

Gosto de acreditar que ainda tenho alguma dignidade.

Estou aqui esta noite, como sempre, exclusivamente como um apoio. Sou aquele que ajuda a tirar as caixas de merchandising da Mama do táxi e a abri-las, e que tenta não se encolher de forma visível quando as pessoas usam expressões como "merchandising da Mama". Estou aqui para dar uma mão, enchendo taças de bebida e passando os cupcakes no começo da noite, e sou a pessoa que avança e resgata Emmy quando ela fica presa conversando com alguém por muito tempo ou com alguém obviamente esquisito demais no final. Se o bebê começa a chorar, estou pronto para subir ao palco, tirá-lo com cuidado dos braços de Emmy e assumir o controle — esta noite, porém, ele tem se comportado como um menino de ouro, o pequeno Bear,

nosso bebê, cinco semanas de idade, mamando em silêncio, completamente alheio ao seu entorno, ou ao fato de que está em cima de um palco, ou de praticamente qualquer outra coisa além do seio à sua frente. De vez em quando, na sessão de perguntas e respostas gerais no final da noite, quando alguém pergunta sobre as mudanças na dinâmica familiar após o segundo filho, ou como mantemos a chama do casamento acesa, Emmy, rindo, aponta para mim na plateia e me convida a ajudar a responder. Frequentemente, quando alguém indaga sobre segurança on-line, eu sou a pessoa a quem Emmy passa a palavra para explicar as três regras de ouro que sempre mantemos ao postar fotos dos nossos filhos. Primeira: nunca postamos nada que possa indicar onde moramos. Segunda: nunca mostramos nenhuma das crianças no banho, nua, ou no banheiro, e nunca mostramos Coco de maiô ou qualquer outra roupa que possa ser considerada sexy em um adulto. Terceira: ficamos atentos a quem está seguindo a conta e bloqueamos qualquer pessoa de quem tenhamos suspeita. Esses foram os conselhos que recebemos, antes, quando consultamos especialistas.

Eu ainda tenho minhas ressalvas sobre tudo isso.

A versão dos acontecimentos que Emmy sempre conta, aquela sobre começar um blog sobre maternidade como uma forma de pedir ajuda e ver se havia outras pessoas que estivessem passando pelas mesmas coisas que ela? Papo furado *completo*, infelizmente. Se você de fato acha que minha mulher caiu nisso por acidente, só mostra que você nunca a conheceu. Às vezes me pergunto se Emmy faz alguma coisa por acidente. Consigo me lembrar nitidamente do dia em que ela surgiu com isso pela primeira

vez, a coisa do blog. Eu sabia que ela ia encontrar alguém no almoço, mas foi só depois que ela me contou que essa pessoa era uma agente. Emmy estava grávida de três meses. Só tínhamos contado a novidade havia poucas semanas para a minha mãe. "Uma agente?", eu perguntei. Francamente não acho que tenha me ocorrido, até aquele momento, que influenciadores digitais têm agentes. Deveria ter me ocorrido. Com frequência, quando ela estava trabalhando em revistas, Emmy voltava para casa e me contava o quanto eles estavam pagando a algum influenciador idiota para embromar cem palavras e posar para uma foto, ou apresentar algum evento, ou tagarelar no seu próprio blog. Ela costumava me mostrar a cópia que eles mandavam. Era o tipo de redação que faz você se questionar se teve um derrame, ou se foi a pessoa que escreveu quem teve. Frases curtas. Metáforas que não fazem sentido. Detalhes esquisitos específicos e aleatórios espalhados para dar um ar de verossimilhança a tudo. Números estranhamente precisos (482 xícaras de chá gelado, 2.342 horas de insônia, 27 meias de bebê no lugar errado) colocados ali com o mesmo objetivo. Palavras que simplesmente não pareciam ser aquelas que o autor procurava. "*Você* deveria escrever esse troço", ela brincava; "não sei por que se dá ao trabalho de escrever romances". Nós sempre ríamos disso. Quando ela voltou do almoço naquele dia e me contou com quem tinha conversado, pensei que ainda estivesse brincando. Levei um tempão para entender o que estava sugerindo. Eu achava que o objetivo final fosse ganhar algum sapato grátis. Eu nunca suspeitaria que Emmy já havia comprado o domínio e reservado os perfis Semsalto e Mama_semfiltro no

Instagram antes mesmo de ter escrito a primeira frase sobre saltos agulha. Muito menos que em três anos ela teria um milhão de seguidores.

O primeiríssimo conselho que sua agente lhe deu foi que a coisa toda deveria parecer orgânica, como se ela tivesse caído naquilo por puro acaso. Não creio que nenhum de nós soubesse como Emmy seria boa nessa tarefa.

Na medida em que o papo furado é baseado na completa rejeição do significado da verdade, assim como da conduta moral que devemos a ela, Harry G. Frankfurt sugere que o papo furado é de fato mais corrosivo, uma força social mais destrutiva, do que a boa mentira à moda antiga. Harry G. Frankfurt tem consideravelmente menos seguidores no Instagram do que minha mulher.

— Construí essa marca com base na honestidade — Emmy está dizendo — e sempre vou falar a verdade como ela é. — Ela sempre termina assim.

Emmy faz uma pausa enquanto espera os aplausos cessarem. Pega um copo de água perto da cadeira e toma um gole.

— Alguma pergunta? — indaga.

Eu tenho uma pergunta.

Foi essa a noite em que finalmente decidi como eu machucaria você?

Acho que sim.

Obviamente eu tinha pensado nisso muitas vezes antes. Acho que qualquer um no meu lugar pensaria. Mas ainda eram pequenos devaneios bobos, na verdade. Coisa de TV. Completamente impraticáveis e fora da realidade.

Funciona de um jeito engraçado, a mente humana.

Pensei que, de algum modo, se eu visse você, ajudaria. Me ajudaria a te odiar menos. Me ajudaria a deixar a raiva ir embora.

Não ajudou em nada.

Nunca fui uma pessoa violenta. Não sou uma pessoa irritada, naturalmente. Quando alguém pisa no meu pé em uma fila, sou sempre eu quem pede desculpas primeiro.

Tudo o que eu realmente queria era lhe fazer uma pergunta. Apenas uma. Era por isso que eu estava lá. Fiquei com a mão levantada, no final, por um tempão. Você me viu. Aceitou a pergunta de uma mulher na minha frente em vez da minha, aquela cujo cabelo você elogiou. Aceitou

uma pergunta da mulher à minha direita, que você conhecia pelo nome, aquela cuja "pergunta" acabou se tornando mais uma história sobre si mesma sem nenhum propósito.

Então alguém disse que havia acabado o tempo para as perguntas.

Eu tentei conversar com você, depois, mas todo mundo estava tentando conversar com você também. Então só fiquei ali em volta, segurando a mesma taça de vinho branco morno que eu beberiquei a noite toda, e tentei atrair seu olhar — mas não consegui.

Não havia motivo para você me reconhecer, claro. Não havia motivo para meu rosto se destacar na multidão. Mesmo que tivéssemos conversado, mesmo que eu tivesse me apresentado, não há motivo para o meu nome — ou o dela — soar de algum modo familiar.

E ver você lá; ver você seguindo com sua vida normalmente; ver você cercada por todas aquelas pessoas; ver você rindo e sorrindo e feliz, foi quando me dei conta. Quando me dei conta de que eu estava mentindo para mim. Que eu não tinha seguido em frente, não tinha aceitado nada. Que eu não tinha perdoado você, nunca conseguiria perdoar.

Foi quando eu soube o que eu iria fazer.

Tudo de que eu precisava era decidir como, onde e quando.

Para seus seguidores, Emmy Jackson, a @Mama_semfiltro, tem uma língua afiada e não perde a chance de falar a verdade.

Para seu cético marido, um escritor caído no ostracismo que sabe bem como Emmy é capaz de aumentar a verdade, ela é absurdamente brilhante no que faz — monetizar os detalhes íntimos da sua vida familiar.

Para uma pessoa que a segue de forma perigosamente obsessiva no Instagram, Emmy é a mulher que tem tudo, apesar de não merecer.

À medida que o casamento de Emmy começa a ceder sob a pressão do estrondoso sucesso e sua bússola moral se desvia de rumo, sua família passa a correr cada vez mais perigo.

Narrado sob a perspectiva de três vozes nada confiáveis, o romance de Ellery Lloyd — pseudônimo do casal britânico Paul Vlitos e Collette Lyons — prende a atenção do leitor até a última página. Há uma diabólica conspiração em curso, pontos de vista diferentes para os mesmos fatos e, claro, mágoas que não podem ser resolvidas.

Ao explorar o lado sombrio do universo dos influenciadores e os perigos da hiperexposição da vida privada, A influencer surpreende ao demonstrar nossa necessidade quase desesperada de sermos vistos e validados nas redes sociais e questiona até onde somos capazes de ir em busca de likes.

SAIBA MAIS:
https://www.intrinseca.com.br/livro/1181/